



# PÁGINAS MORDIDAS – A IMPORTÂNCIA DO LIVRO NAS MÃOS DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

## *BITTEN PAGES – THE IMPORTANCE OF BOOKS IN THE HANDS OF BABIES AND YOUNG CHILDREN*

Giane Aparecida Sales da Silva Mota **1**  
Gillian Taveira Moraes Ichiamia **2**

**Resumo:** O presente artigo busca elucidar, por meio do diálogo entre diferentes referenciais teóricos, sobre o direito dos bebês e crianças pequenas à cultura letrada a partir dos livros, sobretudo de literatura infantil. Direito que permeia, primeiramente, a compreensão de que bebês e crianças pequenas leem o mundo e, conseqüentemente, os livros, de um modo próprio, singular, diferente do adulto, diferente do leitor consolidado. Em segundo lugar, o direito que permeia pela compreensão de que as vivências linguísticas são fundamentais para o momento presente, sem visar um vir a ser, a alfabetização, potencializando o que é ser bebê e criança pequena. E o direito que deve garantir não apenas o acesso, mas, sobretudo, as experiências linguístico-literárias para todas as crianças e bebês que compõem a sociedade, contribuindo sobretudo com sua constituição enquanto sujeito leitor do mundo e da palavra.

**Palavras-chave:** Bebês. Crianças Pequenas. Educação Infantil. Leitura. Livro.


**Abstract:** This article seeks to elucidate, through a dialogue between different theoretical references, the right of babies and young children to literate culture based on books, especially children's literature. The right that permeates, firstly, the way that babies and young children read and understand the world and, consequently, books, in their own unique way, different from the adult, different from the consolidated reader. Secondly, the right that pervades the understanding that the linguistic experiences are fundamental for the present moment, without objectifying a becoming, the literate adult, enhancing what it is to be a baby and a young child. It is a right that must guarantee, not only the access, but, above all, the linguistic-literary experiences for all children and babies that build up our society, contributing greatly to their constitution as subjects who read the word and the world.

**Keywords:** Babies. Young Children. Young children Education. Reading. Book.

---

**1** Pós-doutoranda UFSCar/Sorocaba. Doutora em Educação (UNISO). Mestre em Estudos Literários (UNESP). Pesquisadora do grupo CRIEI- UFSCar campus Sorocaba. Lattes: <http://8005333462320715>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5921-747X>. E-mail : [giane@ufscar.br](mailto:giane@ufscar.br)

**2** Especialista em Educação Bilingüe (Singularidades). Pesquisadora do grupo CRIEI- UFSCar campus Sorocaba. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2739073576046573>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1503-4329>. E-mail : [ichiamagillian@gmail.com](mailto:ichiamagillian@gmail.com)



## Introdução

Ela chegou como o acontecimento de vida. Foi muito esperada e cada detalhe preparado pelos seus. Impecavelmente tudo foi pensado, organizado, comprado, estruturado para que, após nove meses, ocupasse este lugar social, histórico, humano. Ela nasceu! E, como afirma Larrosa (2010, p.187), “O nascimento não é senão o princípio de um processo em que a criança começa a estar no mundo e que começa a ser um de nós, será introduzida no mundo e se converterá em um de nós”.

Ao se afastar do corpo materno, o processo de conversão se inicia de modo intenso, não há volta. Banhos, vacinas, testes são realizados em questão de minutos, tão logo o primeiro choro e respiro é identificado. E, nesse processo de inserção cultural, social, todos os seus sentidos são postos à prova.

Os olhos capturam imagens, formas e cores. As mãos prendem e apreendem/aprendem texturas; ao paladar apresentam-se sabores; e quantos cheiros e possibilidades, brilhos e cores, formas e tamanhos.

No tapete macio ou no colo, a criança é posta entre livros e brinquedos. Mais adiante, seu pequeno olhar, aguçado, percorre toda a parede; começa de cima, prateleira por prateleira, na tentativa de se localizar. Há um outro espaço preparado para si, na altura de seus olhos e de suas mãos. Lá estão – de tamanhos e cores variadas, selos e editoras diversas – os seus livros. Livros que ganhou dos avós, tias e amigos. Livros ilustrados, livros brinquedos, livros de tecidos, *pop-ups*, livros. Ela passa seus olhos, no tempo necessário aos exploradores, e esboça sinais do que quer pegar.

Em posse do objeto – nomeado socialmente como livro – a criança vai experimentando o que é o livro, objeto material; observa como o adulto o manipula, página a página. Alguns cabem em suas mãos, outros precisam do amparo do adulto.

Este leitor, em desenvolvimento, vive imerso em um banho de linguagem, como afirma Bonnafé (2008). Amparado pela voz afetiva de seus pais e/ou dos demais adultos que os acompanham, ao bebê e à criança bem pequena se apresentam discursos orais, diálogos; apresentam-se narrativas, cantigas, livros que diariamente se fazem presentes lhe apresentando o mundo.

Ciertos niños viven desde su nacimiento inmersos en un baño de lenguaje. sus padres, o los adultos que los rodean, hablan mucho, de manera natural y no sólo por necesidad. Hablar es contar, mantener un discurso que no siempre se refiere directamente a la situación presente, que es más asociativo que indicativo. Una madre le habla a su hijo, desde su más temprana edad, como si el niño comprendiera, a sabiendas de que no comprende; vive una ilusión anticipadora y, sin engañarse, sabe que tiene un efecto organizador, en parte a este doble registro. Una mamá tararea, para ella misma y para su bebé, una cantilena, acompañando la cadencia de su propia voz con movimientos rítmicos. Así, su voz y la melodía son parte de este acercamiento inscrito en el marco sensible del encuentro<sup>1</sup> (DIATKINE, 2008 apud BONNAFÉ, 2008, p. 14).

<sup>1</sup> “Algumas crianças vivem, desde seu nascimento, imersas em um banho de linguagem. Seus pais, ou os adultos que as rodeiam, falam muito, de maneira natural e não só por necessidade. Falar é contar, manter um discurso que não sempre se refere à situação presente, que é mais associativo que indicativo. Uma mãe fala com seu filho, desde a mais tenra idade, como se a criança compreendesse, sabendo que não compreende; vive uma ilusão antecipadora e, sem se enganar, sabe que tem um efeito organizador, em parte neste duplo registro. Uma mãe cantarola, para ela e para seu bebê, uma musiquinha, acompanhando a cadência de sua própria voz com movimentos rítmicos. Assim, sua voz e a melodia são parte desta aproximação inscrita no marco sensível do encontro (tradução nossa).

**Figura 1.** Mediação de leitura com bebês e crianças pequenas



**Fonte:** Fotografia de Gillian Taveira Morais Ichiana, em 2022.

Para estes bebês e crianças bem pequenas, a leitura vem se transformando em caminho de consciência, primeiramente sobre si e depois sobre os outros, pois, conforme afirma Andruetto (2017, p. 101), descobrimos quem somos na medida em que narramos para outros ou para nós mesmos o que se passou conosco.

As palavras, ao abrirem caminho no emaranhado da linguagem para nomear o mundo, permitem que nele encontrem um lugar. Um lugar naturalmente apresentado à algumas crianças, afinal: “Numa casa onde o livro está presente, quando chega uma criança, chegam também para ela os livros[...]” (ANDRUETTO, 2017, p. 126)

Contudo, em contextos não privilegiados, o cotidiano familiar tem revelado a incidência de uma linguagem empobrecida, tão somente voltada ao ordenamento e comando, sem abrir espaço à escuta, ao diálogo (PARRA, 2015), mas, principalmente, sem abrir espaço às novidades linguísticas, tão próprias à vivência cotidiana de uma língua materna. “Venha aqui!”, “Pegue isso!”, “Não toque ali!”, “Pára!”, “Saia daí!”, “Não!”, são alguns dos exemplos imperativos e reducionistas dos usos da linguagem oral.

No entanto, a intenção aqui não é estabelecer um maniqueísmo em torno das famílias, apontando quais são boas e quais são ruins, tampouco expor suas disfunções socioculturais (DIATKINE, 2008 apud BONNAFÉ, 2008), porém, é comprovado que os bebês necessitam de uma vivência relacional. O que significa uma vivência que se dá entre pessoas, a partir de vínculos, e por meio de relatos, por meio da língua materna, que constitui o seu meio cultural, o seu patrimônio histórico.

Neste sentido, os livros contribuem de maneira profunda, ao estabelecer o encontro entre a narrativa externa e a narrativa interior de cada criança e bebê. (BONNAFÉ, 2008)

Mediado por este contexto, o presente artigo busca elucidar, por meio do diálogo entre diferentes referenciais teóricos, sobre o direito dos bebês e crianças pequenas à cultura letrada a partir dos livros, sobretudo de literatura infantil. Direito que perpassa, primeiramente, a compreensão de que bebês e crianças pequenas leem o mundo e, conseqüentemente, os livros, de um modo próprio, singular, diferente do adulto, diferente do leitor consolidado.

Em segundo lugar, é um direito que perpassa a compreensão de que as vivências linguísticas são fundamentais para o momento presente, sem visar um vir a ser, a alfabetização, potencializando o que é ser bebê e criança pequena. E um direito que deve garantir não apenas o acesso, mas, sobretudo, as experiências linguístico-literárias para todas as crianças e bebês que compõem a sociedade, contribuindo, sobretudo, com sua constituição enquanto sujeito leitor do mundo e da palavra.

## **Bebês e crianças bem pequenas e suas interações com os livros – uma relação multissensorial.**

Sabe-se que os bebês e as crianças bem pequenas têm modos específicos de se relacionarem com o mundo, o que lhes permite, desde o nascimento, vivenciarem as experiências de leitura e iniciarem o percurso formativo enquanto leitores, pois

É durante a leitura que os bebês têm a oportunidade de ouvir e esse tempo é fundamental. Eles se colocam em posição de escuta e podem construir significados à sua maneira: observam o rosto do leitor e a direção do olhar dele e vão aprendendo o que é um livro. Ao mesmo tempo, já possuem um pequeno léxico usado no dia a dia – os verbos ser e estar, por exemplo – e conseguem identificá-lo no texto lido. Descobrem, então, que algo que está neles também está na obra. Assim, começam a compreender os textos de maneira prazerosa, tomam gosto pela leitura e entendem o espaço cultural dos livros no mundo. Na primeira infância, [...] ler deve ser integrado às competências naturais que as crianças têm. Assim, elas constroem significados para as coisas (PARRA, 2015).

Ou, como diria Benjamin (2009, p. 69): “Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando - a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar”. Ora, o bebê e a criança bem pequena, sinesteticamente, avançam naturalmente sobre o objeto, explorando-o tão singularmente, ação que lhe permitirá entender o que o livro é.

Com as pequenas mãozinhas estendidas para pegá-lo, mexe, joga mais a frente, chupa, morde. Mais uma vez o levanta, chacoalha, repousa sobre o colo, mexe. Até que ao reproduzir o observado, sente o objeto livro. Sente sua forma, materialidade, textura e mexe um pouco mais arrancando páginas. De tecido, de papel, de borracha, um pouco leve, um tanto pesado, e que pode até caber em sua mãozinha. Contrariando a lógica, a racionalidade e o controle do leitor adulto, o bebê vai cunhando o seu próprio modo de estar com os livros.

Nesse sentido, Debus (2006) afirma:

A criança faz sua primeira leitura pelo contato com os elementos físicos constitutivos do livro: o tipo de papel, a textura, o volume, a extensão do número de páginas, o colorido das ilustrações etc. Esse esboço da leitura pode ocorrer já nos primeiros dias de vida do bebê, quando o aproximamos do livro objeto, isto é, dos livros de pano, de plástico e de outros materiais resistentes, como os de papelão, de borracha etc. Nesse momento, os livros com essas características ocupam um papel próximo ao do brinquedo: a criança tem a oportunidade de manter uma relação palpável com um objeto que se identifica com a estrutura física do livro (DEBUS, 2006, p. 36).

Contudo, para além do contato com os elementos físicos, a relação dos bebês e das crianças pequenas com os livros também é construída por vínculos afetivos, poéticos, de múltiplas outras linguagens e até mesmo brincadeiras. Deste modo, é possível afirmar que os bebês e crianças bem

pequenas acessam a cultura escrita e são inseridos nela por meio de experiências simbólicas e reiteradas, no âmbito sócio-histórico-cultural. Um dos materiais que lhes permitem esta experiência é o objeto-livro.

Portanto, as sessões planejadas e organizadas para acesso e exploração dos livros escritos para bebês e crianças possibilitam a esse grupo não somente o encontro com múltiplas linguagens, como também possibilitam a relação com o sensível, o subjetivo, o poético, o humano.

**Figura 2.** Leitura de bebês e crianças pequenas



**Fonte:** Fotografia de Andréia Regina de Oliveira Camargo, em 2022.

Nessa não linearidade, na participação ativa, no aqui e agora, os pequenos e pequenas experimentam os livros com o corpo todo, provando o sabor, aferindo a temperatura, tocando as texturas, sentindo o peso, manuseando as páginas, virando-o como um brinquedo, encontrando maneiras possíveis de leituras.

Nesse encontro das crianças bem pequenas e dos bebês com os livros, há acolhimento e acolhida, modos de interpelar e ser interpelado. Aconchegados no colo, para que se relacionem com os objetos e com as materialidades, vão sendo construídos processos de intimidade e rituais; crianças pequenas e bebês vão percebendo sons, relacionando imagens, observando páginas, sentindo toques, mas também vão vivenciando o encontro entre si e o livro, entre si e o mediador de leitura.

A leitura multimodal dos bebês e das crianças pequeninas é poética, os modos com que leem com os dedos, os gestos que expressam, os sentimentos que demonstram, as mãos que procuram jeitos de segurar esse objeto, de virar páginas, demonstram como o corpo todo sente o livro. Portanto, diferente dos leitores experientes, as crianças pequenas e os bebês constroem narrativas e dialogam com o mundo usando o seu mundo, o seu corpo para além das palavras.

**Afinal, os bebês e as crianças bem pequenas podem ler livros?  
Como?**

[...] Todas as crianças leem desde o exato momento em que chegam ao mundo, leituras “emancipatórias”, poderíamos dizer, uma imersão na língua materna que permite começar a construir sentidos aos infinitos estímulos que as rodeiam e ninam nos efeitos da cultura e da vida biológica (LOPES, 2016, p. 6).

Tanto os bebês quanto as crianças bem pequenas experienciam a leitura de um modo diferente do adulto, pois a leitura, para eles, perpassa por múltiplos sentidos presentes no tom e timbre da voz, nas expressões, gestos, cheiros tanto do livro, quanto de quem o acompanha nessa vivência.

Ler é, então, uma atividade muito mais ampla que decodificar letras ou palavras. Antes mesmo de os bebês e crianças pequenas serem capazes de entender grande parte do vocabulário de uma conversa, de uma canção/cantiga ou de uma história, ou entender até mesmo o que é um livro, já mostram interesse em ouvi-las (LOPES, 2016).

Para os bebês, inicialmente, o livro torna-se mais um dentre os muitos objetos que ainda lhe são desconhecidos. Logo, trazê-lo para a vida do bebê, para que manuseie, explore, sinta, é essencial, de modo que ele comece a compreender o sentido deste objeto em sua vida, mas também passe a estabelecer vínculos com ele, afinal, a relação dos bebês e das crianças bem pequenas com os livros é um mundo aberto de possibilidades. No ato de *leitura*<sup>2</sup>, apresentado por Lopes (2022), não há um único modo e método para ser leitor. Os livros são materiais para o diálogo, para a criação, para a imaginação, para as hipóteses e para as invenções. Simbólicos e afetivos, auxiliam na interpretação das sensações, conflitos, frustrações, separações e vínculos.

**Figura 3.** Bebês e livros



**Fonte:** Fotografia de Andréia Regina de Oliveira Camargo, em 2022.

*Leitura* é um processo respeitoso, por meio do qual o bebê e a criança leem estabelecendo seu próprio ritmo – as páginas vão e voltam sem seguir paginação ou uma ordem pré-determinada.

2 “[...] ‘leitura’ [lecturar]. É uma nomeação que nasceu para mim faz um tempo, enquanto lia com um grupo de bebês, nesse ambiente tão particular que se constrói quando estamos entregues ao vaivém do jogo e da vida, histórias e poesia, fazendo traduções de gestos mínimos, capturando significados e intenções quase imperceptíveis, tentando nos oferecer integralmente a essa aventura da conversa literária com seres tão deliciosos e sensíveis como são os bebês” (LÓPEZ, 2022).

**Figura 4.** A alegria do encontro



**Fonte:** Fotografia de Gillian Taveira Moraes Ichiana, em 2022.

Segundo Lopes (2022), é o tempo das experimentações espontâneas, singulares, sem qualquer demarcação de relógio, por ser *aiônico*, singular. E o adulto compreende o valor desta experiência quando se dispõe ao compromisso de ler e amar (= leitura), numa relação de proximidade e intimidade.

Assim como acontece com o pequeno L., 1 ano, e A., 2 anos, (figura 4), sentados em uma colcha de retalhos, acompanhados por livros. O livro *Tanto, tanto!* (COOKE, 2019) parece ter transportado L. para outros cenários.

Com seus dedinhos, sinesteticamente, ele não apenas segura cada página, mas sente seu peso, sua textura, seu cheiro. Seu rosto, nariz e sorriso permitem reflexões sobre os mundos simbólicos possíveis. O que esse bebê está lendo? O que desencadeou seu sorriso? O que deteve seu interesse?

Portanto, o modo peculiar com que os bebês e as crianças bem pequenas se relacionam com os livros são jeitos únicos de ser e estar em meio à experiência leitora. A boca, por exemplo, é um importante órgão comunicador que, além de expressar experiências orais, sons, balbucios, também experimentam o objeto “livro”.

Nesses livros, ficam as marcas, os rastros, as dobras, as digitais – nota-se que foram manipulados não apenas com as mãos, mas com todo o sistema orofacial em uma importante experiência metafórica de alimentar-se com literatura. É justamente essa manipulação e o livre acesso aos livros que contribui para ampliação do repertório linguístico, imagético, simbólico e convida cada bebê e cada criança pequena à estesia, ou seja, para experimentar o sentimento do que é belo, bonito.

**Figura 5.** Entre suturas, remendos, cortes, rasgos e vivências



**Fonte:** Fotografia de Gillian Taveira Moraes Ichiana, em 2022<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> BRENMAN, Ilan. Telefone sem fio. S.P: Companhia das Letrinhas, 2010.

## Entre livros, páginas, as considerações

O acesso à literatura, à cultura letrada e, de modo especial, o acesso ao livro de literatura infantil precisa ser considerado um direito de todos, como postula Castrillón (2012), sobretudo dos bebês e crianças pequenas. Direito tão pouco compreendido para a propositura de políticas públicas equânimes que garantam não apenas acesso ao livro, mas sobretudo à cultura letrada. Direito incompreendido por grande parcela da sociedade, que considera a leitura fruto do hábito ou do gosto. Direito ainda pouco compreendido e explorado por uma parcela de escolas, em meio ao olhar da leitura tarefa, da leitura técnica a se dominar, da leitura restrita a decodificação e apropriação, da leitura responsável por um vir a ser, distante do presente, do que se é.

No atendimento da educação da primeiríssima infância, há uma parcela de profissionais que ainda não compreendem a experiência de leitura como objeto de ação planejada e refletida no atendimento aos bebês, crianças bem pequenas e pequenas. Para alguns educadores, a leitura é um termo a mais adotado pela documentação pedagógica, pelo currículo oficial, do que uma prática em si.

Afinal, o bebê é leitor? A criança pequena é leitora de livros de literatura infantil? Por que e para que selecionar livros de literatura infantil de qualidade, se mal demonstram atenção à história?

**Figura 6.** Caras e bocas da leitura



**Fonte:** Fotografia de Gillian Taveira Moraes Ichiama, em 2022.

Para outros ainda, a leitura realizada no espaço educacional visa a preparação para o que há de vir – o processo de alfabetização. A partir da Educação Infantil, há um agrupamento de profissionais que se posicionam pela antecipação de domínio do código, custe o que custar, atropelando as crianças na compreensão do mundo, e desvalorizando as experiências, as interações e brincadeiras.

E nessa divergência de opiniões, há bebês e crianças bem pequenas que recebem caixas com livros rasgados, sob o argumento de que vão rasgar mesmo, não sabem ler. Ou ainda os livros ficam trancados nos armários docentes, para serem vistos à distância, nas mãos do educador, no



momento da leitura. Fora as famosas “geladeiras literárias”, que adentraram muitas escolas para guardar os livros, aparentemente sem a percepção de que este equipamento, inclusive, dificulta o acesso de quem ainda é pequeno e está compreendendo como este mundo se organiza.

O livro em sua materialidade ora é considerado objeto apequenado e pouco importante, ora é considerado objeto de valor, cujo acesso se restringe às mãos do adulto.

Isso sem abordar o aspecto da qualidade literária do material oferecido à primeiríssima infância, pois como afirma Bajour(2012), a literatura infantil, por estar relacionada ao mundo da infância, parece para muitos pertencer ao território do conhecido, do familiar e, portanto, dominado por muitos leitores adultos. Leitores que se sentem, inclusive, especialistas em livros para crianças.

**Figura 7.** Sentindo o livro



**Fonte:** fotografia de Gillian Taveira Moraes Ichima, em 2022.

Pois bem, ter acesso e poder experienciar a leitura e o contato com livros, principalmente livros de literatura infantil, sem a finalidade de alfabetizar precocemente as crianças da primeiríssima infância, é um ato de liberdade de expressão, de resistência. Afinal, as crianças bem pequenas e os bebês devem ter seus ritmos e tempos de desenvolvimentos respeitados, assim como os seus direitos éticos, estéticos e políticos garantidos.

Paulo Freire, há mais de trinta anos, defende a leitura do mundo, porque antes mesmo de termos as palavras, somos interpelados pela cultura e pela realidade que nos cercam. Deste modo os bebês e as crianças têm direito de experienciar e ter vivências com diferentes tipos de livros, de materiais variados, multiculturais, com múltiplas identidades, em diferentes idiomas e com infinitas narrativas, afinal

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003, p. 11).

Portanto, para além de inserir a leitura na rotina das crianças e dos bebês, há que se considerar alguns aspectos que perpassam o planejamento e promoção de experiências significativas com a leitura, com os livros, visando o bem-estar dos pequenos leitores e pequenas leitoras que corporificam as experiências literárias, mordendo, lambendo, pisando, apertando, sentindo o livro com o corpo todo.

Nessa corporificação, os professores e professoras devem se tornar mediadores de leituras. Agentes importantes e fundamentais ao percurso de consolidação do comportamento leitor.

Comportamento leitor que, reiteradamente, vai sendo apresentado aos bebês e crianças pequenas por meio das vivências cotidianas, das experiências literárias, estabelecendo afinidades com as narrativas e com as materialidades do livro-objeto.

As crianças nesta faixa etária mimetizam, criam e recriam as vivências e gestos de como folhear o livro, apontar, balbuciar, vocalizar e entoar monossílabos, criando suas narrativas, lendo com suas próprias habilidades, suas histórias singulares.

A mediação dos professores e professoras de bebês e de crianças bem pequenas, tem especificidades, e para isso é importante que o professor possa perceber o ritmo dos bebês, a concentração, saber usar as estratégias certas para aguçar cada vez mais o interesse pela leitura e pelos livros, procurando sempre promover situações de leitura enriquecedoras ao imaginário dos bebês.

É preciso entender os livros como artefatos culturais, que evocam experiências multissensoriais, constroem elos e vivências, pautadas em mergulhos nas linguagens orais, visuais, literárias e imagéticas. Desta maneira, os livros-objetos, costumam experienciar entre o simbólico, a imaginação, o real e a repetição. Constroem memórias afetivas, literárias, culturais e brincantes. Alicerçam a identidade leitora dos seres humanos, fortalecendo a subjetivação de cada um que chega ao mundo com o frescor da novidade.

## Referências

ANDRUETTO, Maria Teresa. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

ARIÈS, Phillipe. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. S.P: Pulo do Gato, 2012

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução Marcos Vinicius Mazzari. 2ª edição. São Paulo: Ed. 34, 2009.

BITTENS, Cássia Maria Rita Vianna. **O universo literário ao alcance daqueles que ainda não leem: tendências contemporâneas da literatura para bebês**. 2018. 102f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, 2018.

BONNAFÉ, Marie. **Los libros, eso es bueno para los bebés** (Ensayo). Espanha: Océano exprés, 2008.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COOKE, Trish. **Tanto, tanto!** São Paulo: Ed Ática, 2019.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na educação infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que fazem os bebês no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer

de Bebês em um Contexto de Vida Coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura** – Estudios sobre literatura y formación. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

LOPES, María Emilia. **Un mundo abierto**: Cultura y primera infancia. Buenos Aires: CERLALC, 2018.

LOPES, María Emilia. **Os bebês, as professoras e a literatura**: um triângulo amoroso. (v. 5). Brasília: MEC/SEB, 2016. Coleção “Leitura e escrita na educação infantil”,

LOPES, María Emilia. Leiturar. **Revista Emília**, São Paulo, mar. 2022. Disponível em: <https://emilia.org.br/leiturar/>. Acesso em: 04 abr. 2022.

MATTOS, M. Nazareth de Souza Salutto de. Leitura literária na creche: o livro entre olhar, corpo e voz. Trabalho apresentado na **36ª Reunião Anual da ANPEd** (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação de Crianças de 0 a 06 anos. Goiânia: 2013.

PARRA, Evelio Cabreja. A leitura na primeira infância é fundamental. [Entrevista concedida a] Elisa Meirelles. **Revista Escola**, São Paulo, set. 2015.

RAMOS, Tacyana K. Gomes; ROSA, Ester C. de Sousa. Participação de bebês em práticas de leitura e contação de histórias na creche. *In*: 17º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. **Anais [...]**. Campinas: ALB, 2009.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. *In*: FRADE, Isabel C. A. da S.; BREGUNCI, Maria das G. de C.; VAL, Maria da G. F. da C. (orgs.) **Glossário Ceale**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária**: leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.

RUBIANO ALBORNOZ, Elisabel. Palabras que nutren y arrullan. Avances del proyecto disposición lectora para bebes. **Educere**, v. 19, n. 62, p. 193-201, abr. 2015.

SALUTO, Nazareth. **Bebês e livros**: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Numa Editora, 2020.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura literária. *In*: EVANGELISTA, Brandão; MACHADO, Maria Zelia Versiani (orgs). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica: 2006. p. 17-48.

TEBET, Gabriela. **Estudos de bebês e diálogos com a sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

TUSSI, Rita de C.; RÖSING, Tânia. **Programa bebelendo**: uma intervenção precoce de leitura. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

Recebido em 06 de dezembro de 2022.

Aceito em 16 de janeiro de 2023.